

Resenha

QUIGNARD, Pascal. **A Razão**.
Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Trad.: Yolanda Vilela
(ed. Bilingue)

Nelma Medeiros¹

Quignard-Latrão é cru, rápido e anfibólico. Lembra Espinosa e Hilda Hilst, o rigor da razão e o deboche da retidão. É próprio de nossa época, justo pela evocação do “outrora”, a que a tradutora Yolanda Vilela, que assina a apresentação e o posfácio, chama a atenção. Um “outrora” [*jadis*] – *topos* central da literatura de Quignard – que é evocação de uma anterioridade (não diria mítica, como o faz a apresentação, mas) real, bífida, que inscreve a declinação em que terá se vertido “o passado petrificado pela aquisição da linguagem formal”. Um outrora que fala pornoguês, que investiga o *creodo* da língua, buscando seus rastros tanto na gravidade do Primário quanto na atectonia do Originário.

É como entendo as anotações do posfácio, lacanianamente orientadas, que mostram como Quignard destaca “a articulação da letra com o fundo biológico do qual ela nunca se separou”, ao estudar a relação da filosofia de Marco Aurélio com a retórica, visto que o próprio projeto literário do autor francês inclui uma “concepção de letra estreitamente vinculada à natureza e ao próprio *corpo*”. Ao mesmo tempo, há uma concepção de romance, em Quignard, que acolhe as manifestações do Inconsciente, indiciando o impossível e o atemporal. Trata-se de um

¹ Professora adjunta do departamento de filosofia (UFRRJ). Mestre em história (UFF) e doutora em filosofia (UFRJ). Pesquisadora do “*...etc.*: Estudos Transitivos do Contemporâneo” (GP/CNPq).

escopo teórico próprio, o de Quignard, que estuda a tradição retórica latina, preferencialmente autores desconhecidos, dentre eles o Latrão, apresentado romaneamente em *A Razão*, para fundamentar uma concepção de romance e uma defesa da literatura em detrimento da filosofia. A ler mais no posfácio.

É pelo efeito do poder restaurador da alternância em *Revirão* que somos levados pelo texto, que nos apresenta um desconhecido autor romano, originário de Córdoba, Marco Pórcio Latrão, da última centúria AEC, que provoca e açoita latinamente a razão reta, o logos exclusivista grego e seu gosto em distribuir, não torto, mas só a direito, a certeza e o engano dos argumentos. Latrão, diz Quignard, começou seus paradoxos pela seguinte discussão: “Aquele que ganha uma controvérsia pode estar enganado. Aquele que argumenta mal pode estar certo.” Pois, espinosisticamente, sabe que “in ratione, habere aliquem locum affectus”, isto é, “na razão há algum lugar para a comoção”, em uma tradução rústica minha, e que, pela elaboração de Quignard, vai indicado que “um estava suspenso ao outro porque o último [*affectus*] havia precedido a primeira [*ratione*]”, e, finalmente, que a “reflexão racional era, talvez, o que se tinha feito de mais sentimental”.

É por essa vereda que trinca a aparente solidez do conceito puro (até às raias da tolice kantiana) e introduz contrastes disruptivos, que aprendemos “que nos habituamos a suscitar em nossas vidas medos que funcionavam como pequenos parapeitos, pensamentos que eram como refúgios de madeira na montanha, livros para se distrair da hora atual e camas para se encolher no sono e as plumas dos patos”. Assim descrevendo Latrão, acrescenta Quignard que raramente se deparou com esse movimento que animava o pensamento do retórico romano, e que,

talvez, algo parecido com isso foi a matemática para Arquimedes, Pascal ou Wittgenstein, “uma diversão louca, próxima da dor física, do desejo homossexual”. Um tipo de ânimo que acolhe também o corte do nó górdio, que “nada explica”, pois justificar a razão de uma recusa é já ceder a seu enfraquecimento.

Por onde também se entrevêm o *c'est ça* lacaniano, o *amor fati* nietzscheano, a *ananké* freudiana, a soberania NovaMente. Uma vocação de hiperracionalismo, na esteira do surracionalismo bachelardiano, que não opõe racionalidade e desordem assassina, pois cultiva um “antes ainda” onde costuma se esborrachar o “só depois” dos iluminismos capengas, inclusive aquele que inspirou as duas guerras mundiais do século XX. Comenta Quignard: “poucas civilizações chegaram a gostar desse pensamento desagradável que destruía muitas ideias vantajosas: houve a China antiga, houve Roma, e, em Roma, houve Cina, César, Latrão. Este último ergueu um dos raros pensamentos próprios da Roma antiga – que chega mesmo a caracterizá-la, quando comparado às obras teóricas gregas de Atenas e Alexandria –, ainda que ele o tenha levado às mais chocantes consequências”.

“Buscar a verdade é como montar a cavalo para penetrar a corola de uma flor. Onde está a justiça senão na fome que abre os lábios da loba, senhora de Roma, no momento em que ela uiva?”, afirma Latrão. Tão longe da cavalgada parmenídica, que fez o poeta chegar às portas da deusa Verdade, a qual, por sua vez, faz saber ao inquiridor que só há dois caminhos de investigação, o primeiro que leva à estupidez do ser que é e do não-ser que não é, e o segundo, da covardia que afirma o não-ser como necessário, para, em seguida, vetar as sendas de sua perquirição, dando-o como impossível, talvez pelo medo gerado no intestino da

crença do primeiro caminho. Latrão troça de conselho tão ineficaz como falso, ainda mais mutilado pela peleja platônica antissofista, e faz as palavras mostrarem a fratura que o arredondado do argumento quer esconder.

Dos filósofos Latrão dizia: “Não conheço remédio para a sabedoria”, que, pela força analógica do pensamento, também foi traduzido como: “A coisa pública é uma cueca de linho sobre um pênis” – muito apropriado para descrever a postura de um Júlio César, que enrubesceu a Roma pudica da *res publica* ciceroniana (Quignard nos faz saber que Rubicão, em latim, quer dizer “fazer enrubescer”). Ou também: “Defecamos. Urinamos. Desejamos o calor das vulvas das fêmeas. Duas vezes ao longo de minha vida pensei em questões de interesse geral, mas essas duas vezes eram fantasmas”. Do “interesse geral” restou um epitáfio sob um céu alemão.

Uma pílula concentrada, em paráfrase do *Mal-estar na civilização*, lido com psicanálise nova: “(...) quando a felicidade começa a chegar, a frase perde toda a sua medida. Ela não tem verbo nem fim”. Ela se fodeu. Comeu o próprio rabo. Aliás, não sabia Mário de Andrade: Foder: verbo intransitivo.

Uma anacorese canina, digna de Alexandre ou uma retórica do imprevisível e do inaudito à altura da visão política de Cesar. Assim parecem ser a obra e a vida de Latrão. Nascido de uma tradicional família de cavaleiros, afirmando ter gostado de três ou quatro coisas na vida – a voz, o coito e a floresta –, viveu em Roma, a partir da juventude; casou-se e teve uma filha; retórico declamador, frequentou círculos literários e políticos importantes da cidade, mas, aos poucos, foi se retirando; deixou sua *villa* e foi morar em uma cabana, às margens do rio Tibre, quando

sua mulher e filha já o haviam deixado; ali, abandonada a toga, teve alunos que pagavam por suas lições muito bem cobradas, continuou a caçar – sua atividade preferida – e, ao final, quando de uma recepção de declamadores em casa de Augusto, parece que, diante de seu destrambelhamento – pois não se sabe ao certo como se deu o evento –, recebeu a ordem do imperador de ser afastado imediatamente de Roma.

Em tempo: destrambelhar ou *déclinquer* é um verbo antigo da linguagem de marinheiros, e significa arrancar o trambelho (*clin*), o forro interior da barca, e deixar afundar. Foi levado à força de volta à Espanha, onde, sozinho, viveu seus últimos cinco anos em um bosque, nas vizinhanças da propriedade de Sêneca. Em seus últimos dias, coabitou com uma jovem; “propôs que ficassem um tempo juntos e combinaram um preço alto: um cavalo”; também em seus derradeiros dias, disse ao amigo (de quem temos esses relatos): “Por que falar? Quando os lábios de separam um do outro os dentes sentem tanto frio”. Matou-se, cortando o pescoço.

Diz Quignard, citado na introdução: “Não sou um erudito. *Rudis* é o selvagem. *E-rudis* é aquele de quem se retirou a aspereza, a selvageria, a violência originária, ou natural, ou animal. Em latim, a palavra *rudis* tem uma correspondência com a palavra *infans*. O *puer*, na medida em que o gramático o faz abandonar a *in-fantia* e lhe ensina as letras para escrever, torna-se *e-rudis*. Eu ainda procuro *e-rudir-me*”.